

Não é coincidência

ARTUR ITUASSU

O professor de Harvard Jeffrey Frieden conta em seu último livro (*Global Capitalism: Its Fall and Rise in the Twentieth Century*, Norton, 2006), a ser lançado no Brasil pela editora Zahar no fim de abril, a história de Kenneth Kaunda, que comandou Zâmbia por quase 30 anos após a independência do país em outubro de 1964, presidindo um fracasso econômico de proporções catastróficas. Ao longo do seu governo, Kaunda levou Zâmbia a um regime socialista de partido único dependente do seu mais abundante recurso natural: o cobre. Qualquer semelhança com a revolução bolivarista de Hugo Chávez na Venezuela não é mera coincidência.

Zâmbia tinha tudo para prosperar após a independência. O cinturão do cobre se estendia por mais de 160km e abrigava uma série de cidades prósperas dedicadas à mineração. Como se dizia na época, o novo país havia "nascido em berço de cobre".

Mas o ganho fácil das minas trouxe conseqüências perversas a longo prazo. Os lucros fáceis com o metal desencorajaram a diversificação. Os mineiros recebiam altos salários no fim do mês, e os moradores da cidade buscavam empregos bem remunerados no governo, bem como comida barata e subsidiada.

Assim, Kaunda passou a incentivar o setor enquanto tentava controlar as mineradoras estrangeiras. Os estrangeiros eram obrigados a empregar zambianos em cargos de gerência e a pagar mais impostos ao governo.

Em 1968, Kaunda adotou o socialismo como "instrumento para a construção de uma sociedade humanista". Sob o novo programa, o Estado assumiu o controle das minas de cobre e, em poucos anos, o presidente havia na-

cionalizado outros setores importantes da economia: indústria, comércio, transporte, construção etc. As minas de cobre nacionalizadas passaram a gerar uma renda enorme para o governo, e o setor se tornou responsável por mais de 90% das exportações, metade da receita do Estado e mais de 30% do produto total da economia.

Em 1972, o presidente decretou um regime de partido único, com o seu Partido Unido da Independência Nacional no poder. A organização concedia favores em troca de apoio político e dava prioridade aos seus membros e defensores na disputa por empregos no imenso setor público, na concessão de empréstimos baratos e no acesso aos serviços públicos.

A prosperidade, no entanto, durou pouco. Os preços do cobre subiram depois da independência e até 1974 haviam dobrado em relação a 1964. Porém, baixaram consideravelmente depois de 1975. As receitas se estagnaram, mas a base política de Kaunda continuava a exigir privilégios. Logo, a rede de apoio ao governo começou a se desintegrar.

Enquanto as receitas despencavam, era preciso aumentar as exportações, mas as manufaturas não tinham condição de competir nos mercados internacionais. Na agricultura, a produtividade havia caído e 25% da comida do país precisava ser importada. O inchado setor público, com 75% dos empregos formais, precisava ser reduzido, mas os funcionários públicos eram altamente sindicalizados e fundamentais para a manutenção do partido no poder.

De crise em crise, Kaunda não resistiu às pressões e convocou eleições para outubro de 1991, vencidas pelo sindicalista Frederick Chiluba. Em 1965, Zâmbia e Coréia do Sul tinham níveis de desenvolvimento semelhantes. Trinta anos depois, a renda do zambiano médio não chegava nem à metade daquela quando da independência, a Coréia do Sul era 18 vezes mais rica que a Zâmbia e um zambiano levava um ano para produzir o que um coreano fabricava em três semanas.

ARTUR ITUASSU é jornalista.